desleituras
Número 5
jul./ago. 2021

DESDE A ÉPOCA EM QUE FOTO ERA RETRATO

Mara Narciso

A primeira fotografia conhecida foi capturada na França em 1826, por Joseph Nicéphore Niépce em chapas da Kodak. Fotografar é imprimir imagens numa face sensível, sob efeito da luz.

A formalidade e a sisudez eram tradição no momento do retrato, assim, a língua de fora na foto icônica de Albert Einstein, feita aos 72 anos em 14 de abril de 1951, mostra como tudo foi mudando em relação a essa arte.

A fotografia caseira era uma aventura, e comprar uma máquina fotográfica, um investimento. Quando solteiro, meu pai Alcides Alves da Cruz adquiriu uma máquina fotográfica, e graças a sua ideia de copiar e clicar as poses das atrizes americanas, tenho bons retratos da minha mãe, uma mulher muito bonita. Há também algumas imagens deles dois juntos. Quando meu amigo Eduardo Gomes as colorizou de maneira digital, mas manualmente, o resultado foi espetacular, tanto pela arte em si, quanto pela emoção de ver o mundo subitamente claro, iluminado e belo.

A fotografia colorida chegou ao Brasil, em 1915, mas era inacessível e vista apenas como curiosidade. Poucas pessoas têm retratos coloridos feitos na primeira metade do século XX. A quase totalidade das imagens era em P&B. As fotografias coloridas se popularizaram apenas na década de 1970. Meu pai contratou um fotógrafo, em 1964, para nos fotografar na Praça de Esportes, na forma colorida, ainda uma raridade por aqui.

Quando fotografar era caro, as famílias viajavam semanas e gastavam um ou dois rolos de filme, em média. Escolhiam-se com cuidado os lugares mais representativos dos passeios. Nessa época, o filme era revelado em Belo Horizonte, mas se podia esperar até um mês para serem vistas as imagens mandadas à empresa Sonora. Envelopados, os filmes com as imagens viajavam de avião para a Zona Franca de Manaus. Nesses deslocamentos, extravios aconteciam, podendo-se enviar um filme e receber retratos de pessoas desconhecidas.

Pela pouca prática, fotografávamos mal, sem nem mesmo enquadrar corretamente o objeto a ser fotografado. Outros acidentes aconteciam, como, por exemplo, deixar velar (entrar luz) na hora de colocar o filme na máquina e destruir parte ou todo ele, fato comum entre os amadores iniciais.

Ao mesmo tempo em que as máquinas fotográficas foram se sofisticando e se automatizando, o preço do filme, artefato analógico que voltará a ser produzido pela Kodak, proibia muitas imagens. O advento da máquina digital possibilitou o barateamento e a instantaneidade da fotografia para consumo em número ilimi-

tado. A maioria coloca as figuras em nuvens e não mais no porta-retrato.

Reunidas, as pessoas se soltam, e ao serem fotografadas podem mostrar trejeitos ridículos. Isso parecerá festa, mas vale apenas para o momento. E depois? As fotos são eternas. Nem todos são Albert Einstein.

O pau de selfie não pegou, por achatar a cena, mas a selfie predomina nas redes sociais. A própria selfie é deformadora, resultando em queixos e narizes imensos, com amplos sorrisos, em contraponto à austeridade do tempo dos retratos, que há muitas décadas se chamam fotos.

A tecnologia e a inteligência artificial transformam imagens sem foco em retratos nítidos, colorizam o cenário preto e branco, fazem estátuas de mármore possuir faces humanas, assim como personagens de quadros saltarem deles como se fossem janelas, criam rosto para um fóssil humano, produzem sorrisos e piscadelas em personagem de foto, inserem palavras não ditas em qualquer boca, e dão vida ao estático. Então, como tudo é possível e se materializa, impactando numa primeira experiência, ao mesmo tempo, um pouco da arte se perde.

Diante de tantas novidades, as expressões humanas ainda são entregues gratuitamente para a máquina fotográfica ou ao celular. Nenhum apaixonado é capaz de esconder das lentes o que sente ao olhar para o ser amado. Elas captam o brilho no olhar, o rosado da face, a vitalidade da pele e o ar de felicidade. As fotos digitais não precisam de revelação, mas o sentimento continua se revelando para além de uma legenda.